

ARTIGO – DOSSIÊ

**ENTRE ENIGMAS E TRAUMAS:
MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA EM TRÊS
CONTOS DE BERNHARD SCHLINK**

**BETWEEN ENIGMAS AND TRAUMAS:
MEMORY, HISTORY AND LITERATURE IN THREE
STORIES OF BERNHARD SCHLINK**

CÉSAR MARTINS DE SOUZA*
LUIS JUNIOR COSTA SARAIVA**

RESUMO

A Segunda Guerra trouxe uma série de traumas e problemas para o ocidente, pois o mundo assistiu ao expurgo e o massacre de parcelas significativas da população, como os judeus. Os assassinatos em massa perpetrados pelos nazistas contra judeus, conhecidos como Holocausto, bem como o envolvimento de diferentes atores na colaboração, transformou este momento em traumas e silenciamentos ao longo do século XX. A análise de três contos do escritor alemão Bernhard Schlink, possibilita, para além de discursos e memórias manifestas ou silenciadas, buscar compreender as controvérsias, as dificuldades e os traumas vivenciados por sujeitos diretamente envolvidos com este momento e também por gerações posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Bernhard Schlink; Holocausto; memórias do século XX; silêncios.

ABSTRACT

The Second World War brought a number of traumas and problems to the West, as the world watched the purge and massacre of significant parts of the population, as in the case of the Jews. The mass murders committed by the Nazis against the Jews, known as the Holocaust, as well as the involvement of different actors in this collaboration, transformed this moment into traumas and hushes during the twentieth century. The analysis of three short stories by the German author Bernhard Schlink, make it possible, not only as speeches and manifest memories or the hushed ones, these three short stories also seek to understand the controversies, the difficulties and traumas experienced by the subjects, literally involved during this period but also by the later generations.

KEYWORDS: Bernhard Schlink; Holocaust; 20th century memories; silences.

Introdução

No presente artigo lançaremos nosso olhar sobre o Holocausto e as marcas deixadas nas memórias de alemães e judeus, a partir de três contos do escritor alemão Bernhard Schlink, *A Menina com a Lagartixa*,¹ *A Circuncisão*² e *Johann Sebastian Bach em Rügen*,³ nos quais são apresentados dilemas que envolvem a busca por respostas sobre um passado que insiste em estar presente nos personagens e nos dilemas cotidianos enfrentados pelos mesmos.

Um primeiro elemento a ser analisado diz respeito aos enigmas ligados a esse período histórico, marcado por temas silenciados ou esquecidos nas memórias e que podem ser manifestos através de outras formas de comunicação, como a literatura ou as artes plásticas, como ocorre no conto *A menina com a Lagartixa*. O conto traz em seu cerne um quadro que guardou segredos e fascinou o protagonista por anos, muitos

de seus enigmas são revelados somente ao final do conto, mas são queimados juntamente com o quadro para que nunca sejam descobertos, do mesmo modo que as memórias deste período podem vivenciar o mesmo processo.

Há também enigmas contidos nos silêncios, utilizados como forma de encarar a pergunta do filho para o pai, sobre o que este fazia enquanto a Segunda Guerra acontecia, no conto *Johann Sebastian Bach em Rügen*. As respostas possuem raízes mais profundas que explicam a construção de identidades fraturadas pelo holocausto e reconfiguradas em relações amorosas permeadas por tensões, como no conto *A Circuncisão*. A narrativa traz identidades marcadas pelas memórias das gerações que viveram os traumas do Holocausto e que agora precisam acertar as contas com esse passado ainda muito presente, até mesmo no uso cotidiano de algumas expressões. Como um exemplo, o protagonista, Andi, teve de se explicar aos amigos de sua namorada sobre os significados de um termo utilizado no cotidiano alemão, gaseificação, sem conseguir confrontar a interpretação de que estaria associado aos campos de concentração nazistas. Apesar de Andi tentar explicar que o termo caíra em desuso, as controvérsias presentes nas interpretações da expressão, explicitam que este é um passado que não permite ambiguidades, jocosidade ou o completo esquecimento.

Cabe ainda uma análise sobre o silêncio de muitos diante do que estava acontecendo naquele momento e da dificuldade em romper com esse silêncio depois de décadas. Schlink nos convida para um passeio por memórias soterradas pelo tempo e pelo sofrimento gerado por um dos períodos mais marcantes da História ocidental, e as marcas que surgem

nos diálogos dos personagens, mas também nos silêncios, nos gestos e na atmosfera social criada nos contos.

Os contos analisados trazem uma linguagem polissêmica, que exige olhares cuidadosos para que seja compreendida. O leitor é convidado a buscar desvendar mistérios e significados interditos ou encobertos em histórias aparentemente singelas, porém complexas, como em um quadro com uma menina e uma lagartixa; No cotidiano de um casal de namorados e os embates marcados por identidades e memórias conflitantes; nas vivências entre adultos que se amam, pai e filho, unidos pela música de Bach, mas com dificuldades de conviverem, devido as controvérsias e segredos.

Estes três contos explicitam o fato de a literatura poder se constituir em um espaço em que traumas e enigmas podem ser expostos, como uma forma para buscar encontrar a “cura” para feridas ainda abertas, pois, na concepção de Deleuze “literatura é uma saúde”⁴ e pode possibilitar um canal de diálogo e comunicação sobre temas difíceis de serem abordados em outras linguagens.

Schlink traz o desafio de refletir sobre questões profundas e traumáticas para o mundo ocidental, sobretudo europeu. Passadas pelo menos duas gerações após a Guerra, os contos nos convidam a olhar com atenção para esse amplo universo artístico e emocional e refletir sobre quadros, músicas e tensões vividas por personagens verossímeis que desfilam hora tranquilas, hora tensas por causa de um passado que se recusa a ser esquecido.

Traumas, literatura e memórias

Andi e Sarah caminham pelo Central Park e juntos vivem o desabrochar do amor de um jovem casal em uma Nova York cosmopolita e repleta de imigrantes, ele, alemão, filho de pais alemães e ela, judia, nascida nos Estados Unidos, filha de pais judeus. O enredo parece uma atmosfera perfeita para o desenrolar de uma história de amor, mas não é de uma simples paixão que Schlink trata no conto *A circuncisão*, mas de traumas vividos em tempos pretéritos e que logo se fazem presentes na vida desses personagens.

Já nas primeiras páginas do conto, Sarah, depois de elogiar Andi, e dizer que este fique tranquilo pois sua família gostou muito dele, deixa claro para este que todos sabem que é alemão. Até este momento, o conto transcorria em um ritmo de romance arrebatador, através de cenários urbanos e um casal que passeia por ele, desenvolvendo o conhecimento mútuo e manifestando momentos de afetividade, mas, a partir de então, um muro se ergue entre os dois personagens. Em diversas passagens o casal transpõe as barreiras para aproveitar a companhia um do outro, mas as dificuldades frente a traumas e memórias, tornam-se cada vez mais difíceis de ser ultrapassadas.

De um lado Andi se esforça para não tocar em assuntos que remetam para o Holocausto, mas frequentemente é alertado para o fato de ser alemão, e ser parte desse passado. Como no momento em que Sarah recebe a visita de seus amigos e estes interagem com Andi, e mais uma vez o tema da conversa converge para o Holocausto.

O tema da conversa passou a ser a Alemanha. Um dos antigos estudantes de Sarah passara um ano em Frankfurt em um intercâmbio. Falou maravilhas dos trens pontuais, confortáveis e limpos, do pão alemão, do vinho de maçãs, da torta de cebolas e do assado típico da Renânia. Mas admitiu que diversas vezes se irritou com a língua. Os alemães falavam em “confusão polonesa” e “ansiedade judaica”. E, quando faziam alguma coisa até o excesso, diziam que faziam aquilo “até a gaseificação”.

- Até a gaseificação? O artista plástico entrou na conversa e olhou para Andi, que deu de ombros.

- Não tenho ideia da origem dessa expressão. Suspeito que seja mais antiga que o Holocausto, talvez tenha nascido na Primeira Guerra Mundial, ou então se deriva do suicídio com gás. Faz muito tempo que não a escuto mais, hoje em dia se usam outras expressões. Mas o artista plástico estava perplexo.

- Quer dizer que, quando estão fartos de alguma coisa, os alemães dizem que vão gaseificar? E se estiverem fartos de pessoas?⁵

As acusações feitas pelo amigo de Sarah incidem diretamente sobre Andi que não sabe o que fazer, pois não pode deixar de ser alemão, mas também não consegue encaixar-se completamente nas perspectivas dos amigos de Sarah. O protagonista não consegue mais vivenciar relaxadamente seu romance, pois passa a medir seus gestos e as suas palavras. Sarah por sua vez não dá trégua e o tempo todo ironiza o fato de Andi ser alemão e como a personagem chega a afirmar, carregar dentro dele um nazista.

Ao analisar o ensino sobre o Nazismo e o Holocausto, na Educação Básica, na Alemanha, Pingel⁶ considera que, na década de 1950, os professores muitas vezes buscavam justificar a atuação dos soldados, colocando-os na condição de vítimas do regime, pois muitos deles atuaram na guerra. Somente em períodos posteriores, principalmente da década de

1980 em diante é que o tema tem sido revisitado e problematizado sob diversos ângulos e com a utilização de testemunhos, pois surge uma geração de professores que busca dialogar sobre esta temática, ao mesmo tempo em que a desassocia das memórias de seus próprios familiares.

O nazismo e o holocausto se constituem em temas traumáticos para os alemães, visto que, como ainda não se passaram nem cem anos do ocorrido, mesmo que as pessoas da atual geração, como Andi, não tenham responsabilidade direta, carregam os traumas, interditos e culpas das gerações que os sucederam, incluindo seus avós, pais e seus compatriotas como um todo.

Seligmann-Silva ao abordar a literatura de testemunho afirma que escrever é muitas vezes a voz mais adequada para manifestar o que parece indizível. O autor analisa que os primeiros documentários produzidos sobre o holocausto por serem “reais demais” e marcados por imagens fortes de violência, criavam a sensação de descrédito nos espectadores, nesse sentido expressar estas memórias através da literatura, pode expor o problema e tornar a comunicação com o público, mais adequada.

A literatura, não apenas a de testemunho, mas também a que dialoga sobre temas traumáticos de um modo geral e as artes plásticas poderiam, portanto, evitar a musealização e a espetacularização do holocausto e, ao mesmo tempo, tornar este passado ativo no presente, pois as obras podem “apresentar, expor o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes”⁷.

Nesse sentido, os contos de Schlink, ao abordar memórias traumáticas, permitem um diálogo destas com a História, pois, através da estética literária trazem a as vozes de personagens, seus segredos e seus

problemas cotidianos que, mesmo sendo fictícios, trazem em si mesmos questões marcantes para a Alemanha e o mundo ocidental em todo século XX.

Deleuze chama atenção para a necessidade de pensar a literatura como em um constante devir, o que pode ajudar a pensar o conflito vivenciado por Andi e Sarah na busca de encontrar um lugar confortável em meio ao desconforto gerado pelas memórias da Segunda Guerra e do Holocausto, mas sempre vivendo em função desses vários devires que se configuram a partir de diferentes memórias.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que sempre extravasa qualquer matéria vivível e ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir imperceptível.⁸

O devir alemão nazista, o devir judeu, o devir alemão livre das marcas do passado, processos dolorosos tanto para Andi como para Sarah, os quais desembocam em desencontros nos encontros, como no momento em que Andi tem o primeiro encontro com Rachel, irmã de Sarah, e imagina que naquele momento poderia fortalecer laços importantes para o futuro da sua relação amorosa, mas percebe, na prática, o quanto é difícil romper com identidades que se confrontam:

Andi ficou inseguro se havia falado a coisa certa.
- O que é a pior coisa para você?
- Em relação ao que poderia acontecer aos meus filhos?

Ela o fitou. Mas tarde, ele lamentaria não ter conseguido gravar a expressão do seu rosto. (...)

- A pior coisa seria se os meninos um dia se casassem com uma não judia.

Ele não sabia o que dizer nem o que pensar. A afirmação de Rachel equivaleria a ele achar que seria a pior coisa do mundo seu filho se casar com uma mulher que não era alemã, não era ariana, uma judia, uma negra? Ou estaria Rachel se referindo apenas a religião? Ou que a pior coisa seria se Sarah casasse com ele? Em seguida, ele achou que Rachel acrescentaria mais alguma coisa, uma explicação, uma exortação a não entender mal, não se ofender. Mas não veio nada.⁹

A decepção de Andi o empurra para uma tomada de decisão, pois depois da conversa com a irmã de Sarah, fica claro a dificuldade que o mesmo teria se não fizesse algo que pudesse acelerar o devir judeu, fundamental para o relacionamento destes. Nesse momento do conto fica muito claro o quanto as feridas do Holocausto ainda estão muito abertas, pois Andi espera o entendimento por parte da irmã da mulher que ele ama, porém percebe que sua ideia de dizer para Rachel o quanto ama sua irmã, se torna um assunto irrelevante diante do fato que este é alemão e ela judia.

Andi encontra-se então com um velho amigo cirurgião e pede que este realize uma intervenção médica em que ele possa ser circuncidado, e assim concretizar uma possível transição no processo de devir judeu de Andi. Um caminho que o personagem acredita que resolverá o problema dos desentendimentos com Sarah, pois o mesmo estaria então mais próximo das vivências em seu devir judeu.

- O que você quer numa religião cujo primeiro ato é cortar o pênis?
 - Trata-se apenas do prepúcio.
 - Eu sei. Mas se a faca escorregar... – Ele riu.
 - Não faça piadas. Amo aquela mulher e ela me ama, mas não conseguimos lidar com nossos mundos diferentes. Portanto eu me mudo do meu mundo para o dela.
 - Simples assim? (...)
- O amigo meneou a cabeça.
- É isso. Ou ela se torna como eu, ou eu me torno como ela. Só conseguimos tolerar o semelhante.¹⁰

As conclusões do personagem nos remetem ao devir ainda mais profundo, um devir outro, um projeto que já nasce falido, como vai ficar claro no desfecho do conto em que Sarah não dá destaque ao fato do namorado agora ser circuncidado, mesmo porque os traumas não se resolvem com uma cirurgia e a retirada do prepúcio. Tentar se sentir como um judeu poderia resolver o problema das culpas ou traumas? Seria possível, com uma circuncisão passar para a pele do outro, resolver os problemas com as memórias e enfrentar as dificuldades e dramas passados pelos judeus?

Estas perguntas podem ser feitas ao final do conto e também da Segunda Guerra, no sentido de tentar compreender os traumas e as memórias sobre o que parece incompreensível. Mas, como afirma Arendt,¹¹ para além de expressões utilizadas com frequência, como incompreensível ou indizível, cabe aos historiadores buscar explicar e analisar este momento. Tentar se sentir como judeu não resolve os problemas de Andi com sua namorada, os familiares e amigos dela, mas pode encobrir as questões mais densas e dar a aparência de um pacto de

conciliação sobre o problema, mas, na prática, apenas é uma tentativa de adiar as dificuldades, silenciar memórias que se manifestarão posteriormente e trarão novos embates ao casal.

Ao refletir sobre as memórias do holocausto e do nazismo, Pingel traz perguntas que atravessam todo o século XX e chegam até o XXI e que aparecem com força na história de Andi, bem como é o epicentro de outro conto analisado neste artigo, *A menina com a lagartixa*. Assim, o historiador alemão questiona sobre as dificuldades de incorporar este “passado negativo” à consciência histórica na Alemanha:

Será que a memória de feitos coletivos ignominiosos em tão grande escala, como a tentativa de aniquilação de um povo inteiro, nos condena de tal forma que, com desespero e impotência, não possamos construir uma visão coerente daquilo que, evidentemente, faz parte do “nosso” passado? Como podemos lidar com o fardo de um passado desse tipo sem ser nos distanciando dele, colocando-o de lado ou silenciando-o?¹²

O debate, tanto em *A menina com a lagartixa* como em *A circuncisão*, mostra a complexidade de um trauma que vai além das identidades, judeu e alemão, pois envolve o ocidente e as memórias do século XX. A literatura abre espaço para as memórias indizíveis emergirem em vivências complexas dos personagens em busca de encontrar um espaço em meio entre o ser alemão e o ser judeu, ou ainda em assemelhar-se ao outro, mesmo quando isso implica em sofrimento e doença. A literatura para Deleuze seria essa cura para o alívio das feridas abertas e que ainda causam dor e sofrimento, “Por isso o escritor, enquanto tal, não é o doente, mas antes o médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto

dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde”.¹³

Os traumas do Holocausto ainda são muito vívidos e a literatura é um espaço que se abre para descortinar cenários que existem na memória indizível e que Schlink traz à tona em seus contos, através de segredos que são revelados, silêncios que são rompidos. Os contos pretendem abordar indivíduos dentro de um espaço-mundo em mutação, em meio ao fluxo constante de subjetividades construídas e as tensões de um passado que insiste em retornar.

Pai, o que você fez na Segunda Guerra?

Esta incômoda pergunta atravessou o século XX, sobretudo a partir dos anos 1970 e 1980, quando os protagonistas dos campos de extermínio e do massacre de judeus estavam prestes a desaparecer. Ficou como uma marca, como se todos pudessem ser culpados pelas atrocidades perpetradas durante a Segunda Guerra, ainda que hoje pudessem gozar da condição de bons cidadãos e honrados patriarcas de extensos grupos familiares.

Peter Gay, aborda o problema das memórias de artistas, durante a guerra e os, dificilmente aceitáveis, envolvimento de muitos deles com os nazistas. O autor faz uma reflexão sobre romances e quadros que buscaram se lançar a dialogar sobre este período conturbado da Europa. As controvérsias sobre a guerra se estenderam ao longo do século, interferindo nas mais diferentes relações humanas, sobretudo nas familiares. Principalmente a Alemanha sofria com os impactos e traumas do pós-guerra e possíveis cumplicidades com o regime, por parte de

muitos cidadãos atualmente respeitados pela sociedade. “Os anos 1950 e boa parte dos anos 1960 foram os tempos da grande denegação na Alemanha derrotada. A pergunta incômoda de um filho ou uma filha alemã, “o que você fez na guerra, pai?”, alcançou um *status* proverbial, sobretudo porque raramente recebia uma resposta honesta”.¹⁴

Esta pergunta incomodava em festas familiares, em reuniões religiosas, diante de notícias na televisão ou em outros momentos de sociabilidade e ainda originava outros questionamentos: Como sobreviveram? Como mantiveram seus empregos em tempos tão difíceis? De que forma conseguiram garantir a segurança física e econômica da família durante a guerra? Porque alguns respondiam criminalmente por eventos relacionados a guerra ou chegaram até mesmo a sofrer algum tipo de punição em sentenças judiciais?

As perguntas muitas vezes silenciadas permaneciam na mente de pessoas que temiam receber como herança, memórias, ou até mesmo objetos que carregavam em si uma parte considerável de histórias mantidas às ocultas. O silenciamento destas memórias, carrega a dor de quem poderia ser obrigado a confrontar-se com a História e ter de contemplar seus pais ou avôs com olhos muito diferentes. Não apenas houve silêncios, como também uma busca por apagamentos das memórias, por fazer desaparecer os rastros de atos do passado o que, para Seligmann-Silva,¹⁵ é uma característica dos assassinatos em massa.

Slavoj Žižek afirma que nas memórias dos campos de concentração, e das ações do nazismo de um modo geral, são recorrentes as narrativas sobre o “Um”, personificando o indivíduo que não sucumbiu. Este “Um”, mesmo em condições adversas, de luta pela

sobrevivência, manteve a generosidade e a coragem de lutar pela dignidade e pelos outros:

de maneira parecida com a risada enlatada temos aqui a *dignidade enlatada*, em que o Outro (o Um) mantém para mim a minha dignidade, em meu lugar – ou, mais precisamente, em que eu mantenho a minha dignidade por meio do Outro: posso ser reduzido a luta cruel pela sobrevivência, mas a própria consciência de que existe o Um que mantém essa dignidade me permite manter uma ligação mínima com a humanidade.¹⁶

Ao se narrar histórias sobre o Um generoso e corajoso, que mantém a dignidade humana, muitos sujeitos que vivenciaram este período, não apenas os sobreviventes dos campos de concentração, da problematização de Žižek, podem silenciar sua própria atuação, não eventualmente, muito menos nobre, e ao mesmo tempo absolver suas próprias ações, com base neste Outro.

No conto *A menina com a lagartixa*, o núcleo da história se passa em uma família composta por pai, mãe e filho, que vivem aparentemente felizes em uma confortável casa, onde ocorrem jantares para pessoas ilustres da sociedade local, como o próprio pai, uma autoridade local, juiz influente entre as elites.

Pelo que foi possível calcular, embora não seja referido no conto, o pai do garoto morre em meados da década de 1970, período próximo aos anos 1980 nos quais, segundo Pollak,¹⁷ rompe-se o silêncio em que se mantiveram, por cerca de quarenta anos, tanto algozes, quanto vítimas da atuação nazista, pois estão próximos de desaparecer e buscam se reconciliar com o passado ou porque seus filhos se lançam a tentar compreender este passado.

A angústia de não saber o que aconteceu durante a guerra, mas ao mesmo tempo, ter acompanhado desde sua infância indícios de que havia algo oculto, leva o filho, depois da morte de seu pai a finalmente indagar sobre aquele tempo. “Pensou em seu pai. Percebeu que não sabia nada sobre ele, nada sobre seus avós mortos debaixo das bombas da guerra, sobre seus estudos, suas atividades antes e durante a guerra, e nada sobre sua carreira depois dela. (...) – O que papai fez durante a guerra?”¹⁸

Embora o pai tenha, nas disputas da memória, tentado metamorfosear sua possível atuação de juiz-carrasco que enviava aos campos de concentração em herói que tentou proteger os judeus sob sua custódia, pairavam dúvidas em seu filho, pois não havia histórias que dessem suporte a esta versão. Os questionamentos foram manifestos somente após sua morte, possivelmente pelo receio do confronto entre pai e filho, motivado por memórias mantidas escondidas.

O conflito entre pai, mãe e filho, tendo a atuação durante a guerra, como fio condutor de memórias e segredos, atravessa todo o conto e demarca tempos e espaços em toda a narrativa. Há lacunas no texto de Schlink, dificilmente preenchidas com base tão somente no próprio conto, pois seu tempo é histórico, o pós-guerra e as memórias sobre a Segunda Guerra; as personagens, embora fictícias deparam-se com eventos e situações referidas na História ou que se constituem, na lógica benjaminiana¹⁹ em um verossímil possível, algo que não aconteceu, mas poderia ter acontecido.

Em *Johann Sebastian Bach em Rügen*, pai e filho tem a oportunidade, depois de longo tempo, de passar uns dias, assistindo um festival de músicas de Bach, na cidade de Rügen, e poderiam, após longo período de

distanciamento afetivo, se reaproximar. Ambos conhecem a cidade, passam por dificuldades de diálogos, refletem sobre suas vidas conjuntas e individuais, até que surge a incômoda pergunta:

- Na viagem você falou da universidade... O que aconteceu depois? Porque você não precisou ir à guerra? Qual foi o motivo para você ter perdido o cargo de juiz? Você gostava de ser advogado?

- Quatro perguntas de uma só vez! Naquela época, eu já tinha a arritmia no coração que tenho até hoje; ela me salvou da guerra. O cargo de juiz, perdi porque orientei juridicamente a Igreja Confessional. Isso era uma fonte de irritação para o presidente do tribunal regional assim como para a Gestapo.²⁰

Ambos os pais foram juizes durante a Guerra e tiveram de se deparar com indagações no pós-guerra. Mas suas respostas eram diferentes, pois este perdera o emprego por orientar a Igreja Confessional, enquanto o pai de *A menina com a lagartixa*, não apenas mantém o cargo durante a guerra, como vem a perdê-lo no pós-guerra, por motivos que não explicou. O pai de *Johann Sebastian Bach em Rügen*, estaria assim justificado, por ter sido punido devido sua postura corajosa, contrária aos interesses dos nazistas.

A citação acima é o único momento em que o pai se explica sobre sua atuação como juiz e advogado e o porquê de ter escrito um artigo, depois do conflito, no qual defendia a conciliação nacional pois, em sua opinião, muitos “havia saído dos trilhos” durante a guerra, mas era necessário esquecer tais erros, para reconstruir as cidades e o país como um todo.

Apesar da resposta do pai, os questionamentos sobre o tema atravessam as décadas, sobretudo na Europa, sobre a possibilidade de esquecer o passado, para que muitas pessoas consideradas de boa índole e cidadãos honestos, cujas vidas, “saíram dos trilhos”, os levando a apoiarem, concretamente ou tacitamente, os nazistas e os expurgos e execuções por eles praticados, possam ser socialmente reabilitados. Seria viável perdoar ou esquecer os atos do juiz do tribunal regional que consentira na demissão do pai do protagonista, para que tudo voltasse ao normal no pós-guerra? Pai e filho ainda teriam outros assuntos a resolver sobre seus relacionamentos, mas uma sombra por muito tempo esteve sobre a mente do jovem.

Em *A circuncisão*, o casal de namorados protagonistas, Sarah, judia estadunidense e Andi, filho de um ex-soldado alemão, enfrentam os não ditos da guerra, bem como as memórias, as cumplicidades e negações, que acabaram por marcar seu relacionamento amoroso, iniciado nos Estados Unidos. Ele, alemão, sofria com o fato de constantemente ser lembrado por ela, da culpa de seu país nos assassinatos em massa dos judeus. O tema era recorrente, incomodando, provocando conflitos, perturbando. Por mais que tentasse se desvencilhar, em diversas oportunidades se via obrigado a explicar que não havia um “nazista” inerentemente dentro dos alemães e que ele e sua geração não tinham culpa pelos massacres.

Em meio aos conflituosos diálogos sobre a Segunda Guerra, Sarah chega a lhe fazer a pergunta que tanto marcou gerações de alemães, franceses, e outras nacionalidades:

O que seu pai fez na guerra?
- Foi soldado.
- Onde?
- Primeiro na França, depois na Rússia e finalmente na Itália, onde foi preso pelos americanos.
- Se Josef ouvir isso, vai perguntar se o seu pai passou por Kosarowska, mas você não vai saber responder.
- Não tenho ideia. Meu pai não me falou muito mais da guerra do que acabo de contar²¹ (Schlink, 2012: 193).

Os pais silenciaram sobre a guerra e, com isso, muitas interrogações permaneceram no ar, atravessando e incomodando relações com seus filhos e também com noras, netos e outras pessoas. Ela ainda questionou o pai de Andi pessoalmente, na Alemanha, mas a busca pelo silêncio era a marca principal das falas sobre este assunto.

Pollak²² argumenta que os silêncios sobre o nazismo, ocorreram não para que se construíssem esquecimentos, mas para que pudesse ser manifesta, apenas quando o momento histórico fosse propício. As lembranças traumatizantes do nazismo permaneceram então ocultas no interior de grupos, assistindo versões oficiais, para que os sujeitos envolvidos, carrascos ou vítimas, não tivessem de se expor a lembranças traumatizantes ou a mal-entendidos, porque, em muitos casos, seriam tênues as fronteiras entre heroísmo ou colaboração, relacionadas aos carrascos ou até mesmo às vítimas.

Como escreveu Seligman-Silva,²³ havia a necessidade de tornar públicas as memórias, mas como elas eram quase indizíveis, seria imprescindível encontrar a linguagem adequada. Um quadro ou a literatura, com seus enigmas, metáforas e simbolismos, viriam a ser o canal de comunicação entre vítimas e agressores, no pós-guerra.

Em tempos marcados por memórias silenciadas, pais e filhos enfrentavam uma sombra atravessando as relações familiares. Viviam o paradoxo de não poder manifestar e nem apagar suas memórias. Havia muitos traumas por detrás das molduras, muitas memórias contidas ocultas nos jantares em família, atravessadas por diversos mal-entendidos e que traziam receios de que os homens honrados de agora, houvessem sido os colaboradores do nazismo de outrora.

O silêncio dos colaboradores?

Assim como muitos pais silenciaram sobre suas vidas durante a guerra, transformando este período em um verdadeiro interdito no interior das famílias, também houve vários temas que se tornaram proibidos em relação ao Holocausto, dentro de cidades, bairros e países.

Para Vincent,²⁴ os regimes totalitários geram mais segredos do que perseguem, devido ao controle sobre a vida privada. Assim, estes regimes se tornam em campo propício para o surgimento de temas controversos e que não podem ser abordados, devido aos envolvimento de sujeitos com influência política, econômica e social. É difícil abordar as memórias do nazismo e dos massacres por eles perpetrados sem envolver diversas pessoas em situações, no mínimo, de mal entendidos.

Esta dificuldade gerou temas proibidos, segredos e memórias manifestas através de linguagens recheadas de significados, com destaque para o campo artístico. Schlink aborda em seus contos temas políticos complexos relacionados a História Contemporânea, que evocam traumas e memórias silenciadas, investindo na busca pela profundidade das relações humanas. Pais, filhos e netos, casais de namorados, grupos de

amigos, vizinhos, juízes, advogados, professores, engenheiros são alguns dos protagonistas de seus contos que se veem no epicentro de questões complexas da Europa no século XX.

Colaboradores de regimes autoritários, totalitários ou até mesmo de massacres, assumem em períodos posteriores, papéis legitimados pela sociedade, como em um pacto de esquecimentos, para conciliação. Entretanto, os colaboradores metamorfoseados em heróis ou em cidadãos de condutas honestas, podem se ver frente a símbolos de seus atos irregulares e ver a História bater a suas portas para cobrar o preço do passado e de memórias escondidas.

Em *A menina com a lagartixa* há um quadro no escritório do pai, que traz os traumas da Europa no século XX, guardando segredos sem, contudo, apagá-los, pois foi instalado no escritório, dentro da casa da família. A curiosidade foi acentuada, meio que por acaso, quando o filho deparou-se com o quadro de René Dalmann “Na praia” em um catálogo de museu, no qual alguns elementos, como a menina, a praia, o mar, o rochedo, embora não fossem iguais ao quadro de seu pai, faziam-no sentir como se estivesse diante de uma obra do mesmo autor, como se exprimissem os mesmos sentimentos.

O narrador enfoca o conto em um personagem que silenciou sobre a guerra e que guardou a chave para compreensão de sua vida naquele momento em um quadro, cheio de significados, porém interditos ao garoto. Quando estava com oito anos de idade, o filho empolgou-se com a ideia de descrever o quadro em uma atividade na escola e foi impedido pelo pai, sob a argumentação de que por possuir alto valor seria melhor que as pessoas não soubessem de sua existência. Tanto este

momento, como a imagem de sua mãe, por diversas vezes esbravejando contra a “menina judia” do quadro, permaneceram fixos na mente do garoto, como uma memória reprimida, da qual não participara diretamente, mas que sabia, em algum momento precisaria compreendê-la, para “acertar-se” com o passado de sua família.

Para analisar este quadro é necessário, como propõe Carlo Ginzburg,²⁵ utilizar o método indiciário, para, como um detetive, reunir pistas que permitam a compreensão dos significados referentes às memórias do século XX. O narrador constrói imagens do quadro e de seu criador, René Dalmann, com tal riqueza de detalhes que leva o leitor a acreditar que ele esteja exposto em algum museu.

No conto, Dalmann, junto com outros artistas, fundou a revista *Lezard Violet* que circulou entre 1924-30, durante a passagem do dadaísmo ao surrealismo, na qual teriam assinado alguns textos, nomes como de René Margritte e Salvador Dali. Em relação à revista nada encontramos nos livros, senão relacionados ao próprio conto, mas já podemos compreender os movimentos artísticos com as quais se relacionam, de contestação à ordem vigente através do aparentemente absurdo na arte.²⁶

Outra pista é que na década de 1920 ele acompanhou seu amigo André Breton no comunismo, mas não no surrealismo. Entretanto, a pista que mais pudemos acompanhar para tentar entender o momento histórico da produção, a relação do quadro com a família, foi a Exposição Arte Degenerada de Munique, realizada em 1937.

Esta exposição, segundo Gay²⁷ foi assistida por cerca de 2 milhões de pessoas em Munique e circulando por outras cidades alemãs. Ela foi organizada por Goebbels, Ministro da Propaganda de Hitler, baseado no

ideólogo do nazismo Alfred Rosenberg, com obras confiscadas, elaboradas por pintores como Pablo Picasso, Giorgio de Chirico, Georges Braque, Henri Matisse, Marc Chagall, Wassily Kandinsky, Piet Mondrian, Paul Klee e Edvard Munch, Otto Dix.

Os quadros eram dispostos com inscrições abaixo deles que os ridicularizavam e ficavam lado a lado com pinturas de internos do hospital de alienados, considerados doentes mentais, para que se pudesse evidenciar, por comparação, na lógica do partido nazista, a proximidade entre a arte considerada degenerada destes e a de pessoas com problemas mentais. No conto, embaixo do quadro de Dalmann, exposto no grupo cinco, juntamente com outros “judeus comunistas”, constava a seguinte inscrição:

A pornografia não necessita de nudez e a degeneração não necessita de deformação manual. Com o traço perfeito de seu pincel, o judeu pode representar o empresário alemão como um estroina capitalista e a menina alemã como uma dama libidinosa. O caráter porco e a tendência marxista e da luta de classes andam de mãos dadas para o judeu. Quando se pensa que também mães e mulheres alemãs visitam essa exposição...²⁸

Nesse sentido, o pintor “emplacou” duas obras na grande exposição que, ao contrário do que desejavam seus idealizadores, atraiu público muito maior do que a outra organizada para mostrar os pintores alinhados com o Partido Nazista. Para Teixeira Coelho,²⁹ ao organizar a exposição “Arte Degenerada”, o Partido Nazista pretendia elaborar uma previsão inversa para as artes, mostrando aos alemães como estas não deveriam ser: judias, bolcheviques e degeneradas, palavras sinônimas, na opinião dos “curadores” da mostra.

Nessa lógica, Dalmann, seria bolchevique, judeu e degenerado, na visão nazista e possivelmente encontrou-se com o pai do protagonista em Estrasburgo, desaparecendo em seguida, ou por ter sido enviado aos campos de concentração ou porque conseguiu fugir para os Estados Unidos, onde viera a tornar-se precursor do movimento dos jovens selvagens, assumindo o nome de Ronn Valome. O quadro passou às mãos do pai do protagonista quando este fora juiz em Estrasburgo, durante a guerra, e permaneceu por anos oculto até a morte do pai, quando finalmente o protagonista busca acertar-se com seu passado.

Em *A circuncisão*, os problemas de memórias vão além das relações familiares, pois entram no debate sobre o ser alemão, ser judeu e como estas identidades, ainda que presentes em sujeitos que não viveram a Segunda Guerra, podem gerar mal entendidos e problemas em suas relações interpessoais. O casal de protagonistas é feliz em seu relacionamento, mas o fato de ele ser alemão, filho de um soldado da guerra e ela judia, cria dificuldades nos diálogos e no convívio deles com amigos e parentes. Andi percebe que os amigos e parentes de Sarah, judeus, gostam dele, o que os leva a tolerar o fato de ele ser alemão, o que é confirmado por ela que argumenta:

- O que eu tenho...
- O que você tem a ver com o Holocausto? Você é alemão, você tem a ver com o Holocausto. E isso incomoda as pessoas, mesmo que sejam educadas demais para mostrá-lo a você. São muito educadas e, além disso, pensam que não precisam mostrar porque você já sabe disso. Mas isso não quer dizer que não estejam lhe dando uma chance.
- Não sei se eu vou saber lidar com isso; ser amado, apesar de ser alemão.³⁰

Há muitos trabalhos buscando identificar o Holocausto com práticas antissemitas de sociedades tradicionais e de centros urbanos industrializados, no século XIX. Este argumento é utilizado para acusar a cultura alemã, de ser legitimadora do nazismo. A crença de que existe um “ser alemão” que explica o crescimento e afirmação do nazismo, estava na base das dificuldades enfrentadas por Andi.

Hobsbawm afirma que mesmo entre sociedades rurais europeias mais distantes do grande capital, era disseminado desde o século XIX, o preconceito contra judeus:

O antissemitismo camponês da Europa Oriental, onde para fins práticos o judeu era o ponto de contato entre o ganha-pão do aldeão e a economia externa de que sempre dependera, era sem dúvida mais permanente e explosivo, e tornou-se ainda mais quando as sociedades eslavas, magiares e romenas foram convulsionadas pelos incompreensíveis terremotos do mundo moderno. Entre povos tão sombrios ainda se pode acreditar nas histórias de judeus sacrificando crianças cristãs.³¹

Para Hobsbawm havia uma antipatia difusa e ambígua contra os judeus na sociedade europeia do século XIX, contudo, apesar de na maioria das manifestações dos operários em greve, ou em protestos contra a exploração, esbravejarem contra os judeus, como representando os estroinas capitalistas, não se pode tomar isso como uma base para os massacres praticados pelo nazismo. Em “Tempos fraturados”, Hobsbawm argumenta que na Alemanha pré-Hitler, os judeus se sentiam como cidadãos aceitos e com direitos civis, apesar de sofrerem preconceitos. “Por essa razão a sua tragédia foi dupla. Não só foram destruídos, como não previram seu fim”.³² Hobsbawm argumenta ainda

que o antissemitismo anterior à guerra não estava necessariamente associado a violência física e como se sentiam alemães, acreditavam estar seguros na pátria em que viviam há gerações, por isso, as perseguições tiveram um impacto psicossocial ainda mais forte, já que feriram sentimentos, identidades e provocaram o desterro entre pessoas que pensavam ser parte do país.

Arendt³³ considera como ingênuas as análises que associam o antissemitismo de sociedades camponesas e mesmo urbanas, anteriores ao século XX, como o caminho explicativo para a afirmação de ideologias racistas que conduziram ao Holocausto. A autora argumenta que apesar de existirem diversas práticas e crenças preconceituosas contra judeus, XVIII e XIX, elas não possuem relação com as perseguições da Idade Média e nem com o Holocausto, pois não é possível associar tais práticas aos massacres em massa.

O pai de Andi serviu na Segunda Guerra e ao ser questionado por Sarah sobre sua atuação, fala com normalidade, sem manifestar vergonha ou problemas em relação a isso, como se fora apenas o cumprimento de um dever militar:

- Na Rússia estive às voltas com arte. Os comunistas transformaram igrejas em depósitos, oficinas, galpões e estábulos. Nós conseguimos achar ícones, luminárias e trajes maravilhosos por baixo do escombros e do lixo.
- O que aconteceu com os objetos?
- Nós os catalogamos, empacotamos e mandamos para Berlim. Não sei o que acontecia lá com eles. Do ponto de vista da organização, a França foi mais interessante para mim. Lá, tratei do fornecimento de cereais e vinho.³⁴

Parece ser apenas parte de um código de ordem, não importando a origem e o destino das peças que encontrava em seu trabalho na França e Rússia. Para Cytrynowicz os massacres em massa chocavam por não possuir explicação, nem mistérios a ser desvendados, pois seriam apenas o desenvolvimento lógico da ordem nazista. “O genocídio era operado sob uma terrível aparência de normalidade”.³⁵ Nas cidades alemãs a vida seguia sua ordem normal, como se não estivessem ocorrendo massacres.

Sarah questiona a ordem, ao observar as cidades alemãs e associa a cultura do país à disciplina militar e burocratização organizada presentes nos campos de extermínio. As associações feitas entre os massacres e a cultura alemã provocam discussões entre o casal que se vê em dificuldades para definir seu relacionamento, pelo fato de suas identidades serem conflitantes e associadas as memórias da guerra.

Ambos nasceram após a Segunda Guerra, não estando, portanto, envolvidos diretamente com os problemas do Holocausto, mas, apesar disso, vivenciavam em seu namoro, disputas e crises decorrentes das memórias de seus grupos. Pollak acredita que a memória social não se restringe somente as vividas pelos próprios indivíduos, pois é extensiva aos grupos ou sociedades dos quais fazem parte:

Quais são os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos vividos por tabela, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.³⁶

O tio de Andi ao responder às perguntas de Sarah sobre este período, defende que após cinquenta anos se deve esquecer o passado e seguir em frente. Sarah retruca, por considerar que um passado “especial” não pode ser esquecido. Nem eles, nem a Europa conseguem esquecer um passado “especial” que marca todo o século XX. Conflitos internacionais, guerras de dimensão global e genocídios, marcam tanto as vítimas quanto os agressores. Sarah não podia seguir em frente e muito menos a Alemanha e os judeus que vivenciam o pós-guerra.

Há muitas memórias ocultas, aguardando ser revolvidas e muitos colaboradores em silêncio, prestes a desaparecer da vida, mas não da História. Ainda existem outros historiadores e escritores em busca de silêncios do século XX e que podem se deparar com alguns destes personagens, não de literatura, mas circulando em cidades e bairros de todo o mundo e que, mesmo quando já morreram, permanecem vivos nas memórias de suas famílias.

Quem foi o pai de Andi? Um carrasco? E o pai de *A menina com a lagartixa*, porque perdeu o emprego de juiz? E o tio de Andi? É possível silenciar memórias, esconder os carrascos ou fazer um pacto pela conciliação nacional? O Ocidente ainda tem muitas questões a responder, elaboradas não apenas por judeus, como também pelos mais diferentes povos e segmentos das sociedades ocidentais. Até mesmo quem não colaborou com o holocausto e tentou seguir com suas vidas normais, tem motivos para permanecer calado sobre as décadas de 1930 e 1940.

Portelli,³⁷ estudando o massacre realizado por nazistas na aldeia italiana de Civitella Val di Chiana, defende que não fazer nada contra os nazistas pode ser considerado, no pós-guerra, uma ação controversa, por

isso os moradores que não enfrentaram os soldados alemães, têm motivos para silenciar memórias, narrando suas próprias versões dos eventos ocorridos durante a Segunda Guerra. Pessoas ou grupos que não participaram diretamente dos massacres, também carregam o temor, ante a possibilidade de virem a ser considerados pela sociedade ou pela História como colaboradores, pois este “passado especial” ainda possui muitos problemas a serem investigados, esquecimentos a ser lembrados e traumas revolvidos.

Conclusão

Os contos de Bernhard Schlink carregam leveza e simplicidade na forma narrativa, ao mesmo tempo em que provocam os leitores a refletir sobre temas controversos e dolorosos para todo o mundo pós-guerra, principalmente para o continente europeu. É difícil não se envolver emocionalmente com as narrativas, devido a profundidade e sensibilidade do escritor em sua abordagem a temas tão complexos e problemáticos.

O quadro e o pintor do conto *A menina com a lagartixa* desafiam a investigação e a tentativa de compreender um enigma aparentemente ininteligível. Rastros são deixados, como uma revista e a Exposição Arte Degenerada, organizada pelos nazistas para ridicularizar artistas, mas que se constituiu em um grande sucesso de público. Uma revista, um estilo, uma obra, ajudam a entender não apenas o quadro, mas o próprio século XX e os traumas e silêncios dos envolvidos.

Os outros contos que se constituem em foco central deste artigo, *A circuncisão* e *Johann Sebastian Bach em Rügen*, também abordam relacionamentos entre casais, famílias e amigos. Os leitores podem, com

base nestes contos, aprofundar debates sobre o nazismo e o Holocausto ou ignorar estes temas e “seguir em frente”, com a visão de quem pretende apenas ter mais elementos para pensar sobre suas próprias vidas, com seus amores, seus trabalhos e suas memórias afetivas.

Este é a mesma encruzilhada em que se encontra o mundo pós-guerra, que tentou “seguir em frente”, reconstruindo cidades, países, afetos, identidades, alianças, tentando ignorar ou sobrepor os temas que se encontravam subjacentes a cada tentativa de esquecer o passado. Os contos de Bernhard Schlink convidam a reflexão sobre as memórias da guerra e do expurgo/exterminio de judeus. Através de enigmas e/ou silêncios, os contos nos lembram que muitas destas memórias podem até ter sido mantidas ocultas por décadas mas, assim como o quadro de René Dalmann, não desapareceram. Elas sempre estiveram diante de seus protagonistas e de seus familiares, aguardando o momento de emergir dos subterrâneos em que se encontravam para reaparecer no centro da cena histórica.

Não foi possível esquecer, mesmo cinquenta anos depois, ou setenta, como atualmente, pois ainda há temas a serem investigados e mocinhos e vilões que podem vir a se tornar conhecidos publicamente. Os contos analisados neste artigo, podem então ficcionar cicatrizes e possibilitar o diálogo sobre memórias traumáticas e muitas vezes ocultas ou silenciadas pelo mundo ocidental.

As memórias expressam o quanto é difícil definir heróis e vilões em uma realidade que mostra como pode ser problemático voluntariamente não se envolver com a política, assistir o expurgo e o

massacre de judeus e, após a guerra, buscar esquecer o passado, para tentar “seguir em frente”.

Recebido em 23/06/2016

Aprovado em 12/06/2017

Notas

* Doutor e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará. E-mail: cesar@ufpa.br

** Doutor em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia Social e Cultural, pelo Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará. E-mail: luisjsaraiva@gmail.com

¹ SCHLINK, B. A menina com a lagartixa. In: **Amor em fuga**. Trad. Herta Elbern et al. Rio de Janeiro: Record, 2012a. pp. 7-54.

² SCHLINK, B. A circuncisão. In: **Amor em fuga**. Trad. Herta Elbern et al. Rio de Janeiro: Record, 2012b. pp. 187-238.

³ SCHLINK, B. Johann Sebastian Bach em Rügen. Trad. Claudia Abeling. In: **Mentiras de verão**. Rio de Janeiro: Record, 2015. pp. 217-243.

⁴ DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 9.

⁵ SCHLINK, B. op cit., 2012b. p. 203.

⁶ PINGEL, F. Lidando com o passado “negativo”: o ensino do nacional-socialismo e do Holocausto na Alemanha. Trad. Paulo Guilbaud. In: QUADRAT, S. V. & ROLLEMBERG, D. (Orgs.). **História e memória das ditaduras no século XX** – Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. pp. 301-323.

⁷ SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão: da literatura ao trauma. In: SELIGMANN-SILVA, M (Org.). **História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003a. p. 57.

⁸ DELEUZE, G. op. cit., p. 10.

⁹ SCHLINK, B. op cit., 2012b. p. 199.

¹⁰ *ibid.*, p. 232.

¹¹ ARENDT, H. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. [2ª Ed.]

¹² PINGEL, F. op. cit, p. 302.

¹³ DELEUZE, G. op. cit, pp. 13-14.

¹⁴ GAY, P. **Modernismo: o fascínio da heresia – de Baudelaire a Beckett e mais um pouco**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 433.

-
- ¹⁵ SELIGMANN-SILVA, M. Reflexões sobre a memória, a História e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, M (Org.). **História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003b. pp. 59-88.
- ¹⁶ ZIZEK, S. **Alguém disse totalitarismo?** Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013. pp. 58-59.
- ¹⁷ POLLAK, M. Memória e esquecimento e silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos (FGV)**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. pp. 3-15.
- ¹⁸ SCHLINK, B. op. cit. 2012a. p. 42.
- ¹⁹ Referente às análises de Walter Benjamin sobre a relação entre literatura, ficção e verossimilhança. Consultar BENJAMIM, W. **Obras escolhidas – magia e técnica – arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. [7ª Ed.].
- ²⁰ SCHLINK, B. op. cit. 2015. p. 228.
- ²¹ SCHLINK, B. op. cit. 2012b. p. 193.
- ²² POLLAK, M. op. cit.
- ²³ SELIGMANN-SILVA, M. op. cit. 2003b.
- ²⁴ VICENTE, Gerard. Guerras ditas, guerras silenciadas e o enigma identitário. In: PROST, A; VINCENT, G. (Org.). **História da vida privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. [2ª Ed.] pp. 201-248.
- ²⁵ GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 143-179. [2ª Ed.]
- ²⁶ Consultar Gay, P. op. cit.
- ²⁷ idem.
- ²⁸ SCHLINK, B. op. cit., 2012a. p. 36.
- ²⁹ COELHO, T. Arte, em futuro anterior. **Revista USP**, n. 74, 2007. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13605/15423>. Acesso em: 25/09/2009.
- ³⁰ SCHLINK, B. op. cit., 2012a. p. 226.
- ³¹ HOBBSAWM, E. **Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 12. [2ª Ed.]
- ³² HOBBSAWM, E. **Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo, Companhia das Letras, 2013. p. 106.
- ³³ ARENDT, H. op. cit.
- ³⁴ SCHLINK, B. op. cit., 2012b. p. 209.
- ³⁵ CYTRYNOWICZ, R. “O silêncio do sobrevivente: diálogos e rupturas entre Memória e História do holocausto”. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2003. p. 129.
- ³⁶ POLLAK, M. Memória e identidade social. Trad. Monique Augras. **Estudos históricos (FGV)**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 202.
- ³⁷ PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª Ed. Trad. Luiz Alberto Monjardim et al. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp. 103-130.